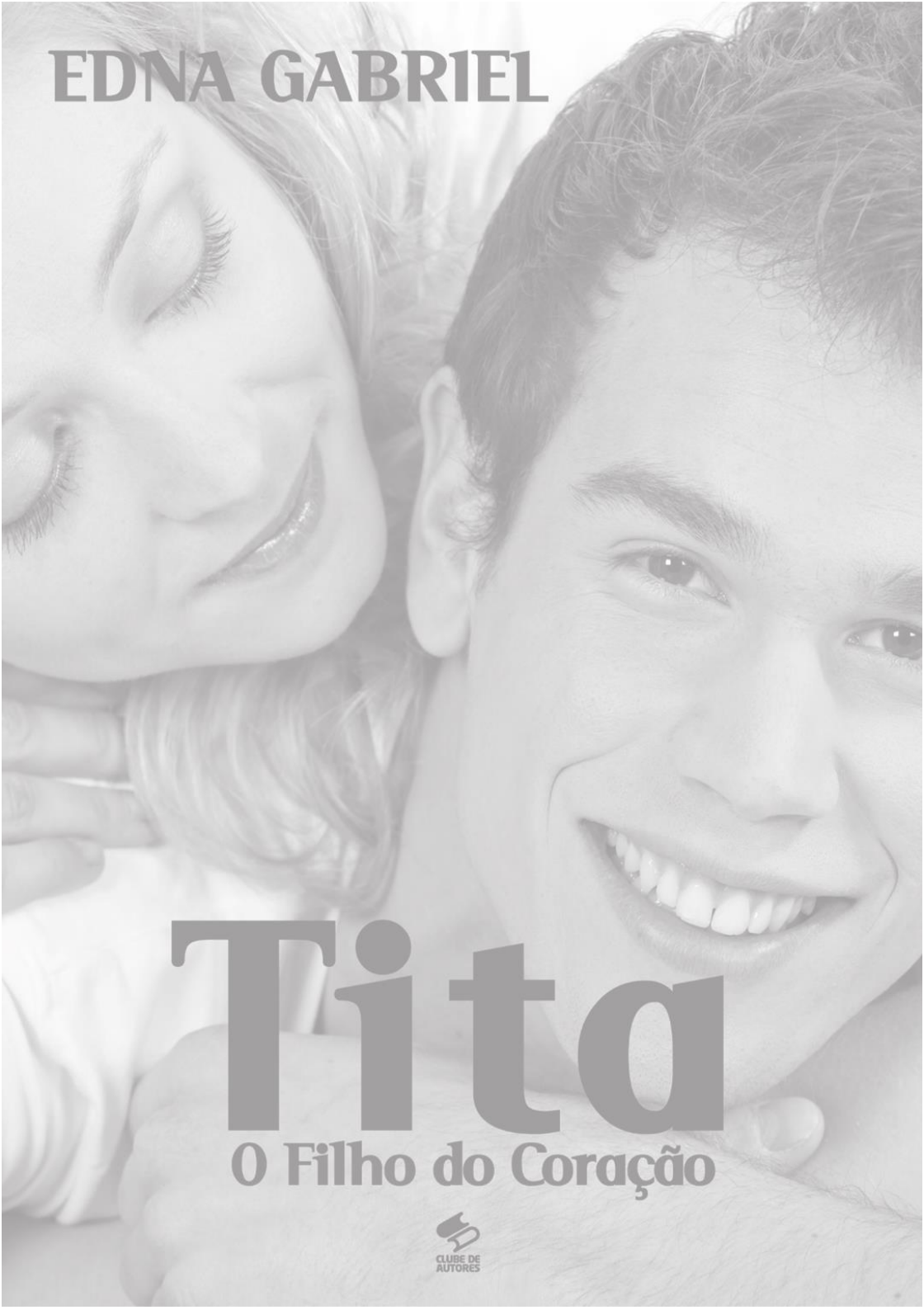




EDNA GABRIEL

Tita

O Filho do Coração



EDNA GABRIEL

TITA
O FILHO DO CORAÇÃO

1ª Edição
CLUBE DE AUTORES

CABO FRIO - RJ
FEVEREIRO, 2014

Tita. O Filho do Coração.

Gabriel, Edna.

1ª Edição

Fevereiro de 2014

Projeto Gráfico, Revisão, Capa, Diagramação

Asè Criações Editoriais

Impressão e Acabamento

Clube de Autores

2014 © por Edna Gabriel
ednaggfirmino@bol.com.br

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização do autor.

Do fundo d'alma, dedico esta obra aos meus queridos pais, José Gabriel e Derly Guedes Gabriel, aos meus avós de coração, Aristides e Alverinda (os dois casais in memoriam) e a João Batista, meu querido Tita, o filho do coração.

SUMÁRIO

1	Mundo, cheguei!	9
2	Alverinda, meu anjo guarda.	12
3	Uai sô! Mas pra que tanto João?	14
4	Vida boa da roça	16
5	O batizado	20
6	Ofício de rezadeira	24
7	A promessa	27
8	Enfim, os primeiros passos	29
9	Natal e ano novo na roça	31
10	A folia de reis	34
11	Cata da Macaúba	36
12	As aulas de catecismo	39
13	O tombo	45
14	As conversas de Zé Grande	47
15	Nato foi embora	51
16	Sem notícias	57
17	Divino e a mulher estranha	59
18	Nato manda notícias	63
19	Nascimento no Rio de Janeiro	66
20	Solidariedade de gente humilde	69
21	Dias difíceis para Tide	73
22	A caravana	82
23	Vila Sapê, o paraíso era ali	90
24	Dindinha, meu amor	95
25	Natal na Vila Sapê	97
26	Chegou o Ano Novo	104

27	Sem noção do perigo	111
28	Ambientando com a cidade e os costumes	115
29	Algumas situações peculiares	119
30	Um capítulo esclarecedor	122
31	A família aumentou	124
32	Carnaval no Rio de Janeiro	126
33	Tecnologia	129
34	Escola, doce escola	134
35	A palmatória	139
36	Meus amores adolescentes	148
37	O quartel	153
38	Aristides se despede da vida	157
39	Meu amigo Gilberto	162
40	A minha primeira vez	169
41	O baile	174
42	O encontro	181
43	Epílogo: E a vida continua.	185

1

Mundo, cheguei!

Nasci como toda criança, ou quase. Saí do ventre de minha mãe e procurei com avidez seios para sugar e... não encontrei. Consolei-me com o mesmo dedinho, magro e minúsculo que sugava quando ainda estava dentro do útero. Procurei o colo materno quente e acolhedor que me disseram os anjos ao convencer-me a vir a este mundo, ter direito, mas não encontrei.

Ao invés disso, senti meu corpinho franzino e descorado ser lançado sobre uma superfície dura e fria, muito fria, que parecia molhada. Molhada? Sim, molhada.

Ouvi sons... Não eram os que já conhecia, eram diferentes. No ventre de minha mãe eu não conseguia ver nada, mas ouvir, nisso sim, eu era um especialista. Sabia distinguir perfeitamente os sons do meu coração e o de mamãe. Os roncoss de fome, que eram poucas vezes satisfeitos, o gut gut de quando ela bebia água e o tão gostoso som da urina escorrendo bexiga afora.

Abri pela primeira vez os olhos. Vi algo como uma névoa esbranquiçada, que foi aos poucos dando passagem a visão de formas e cores. Da terra, em meio a folhas secas de bananeiras vinham ao meu encontro formigas, uma atrás da outra, em passos ritmados e acelerados. Seria eu como as formigas? Seriam elas minhas irmãs? Logo que chegaram vi que não. Ferroadas lancinantes em minha pele denunciaram isto. E o cheiro forte destes pequenos seres, era nauseante. Debati-me o quanto pude para afastá-las, tanto quanto pode debater-se um bebê recém-nascido.

Olhei para baixo e percebi que minhas pernas e parte do cordão umbilical pendiam dentro das águas do riacho, ou seria um valão? Vi também pequenos seres nadando em torno de mim. Eram girinos ou alevinos, que deleitavam-se em comer resíduos de meu parto, abocanhando delicadamente pequenos fragmentos que se desprendiam aos poucos. Isto não doía não, pois estas partes molhadas e frias estavam dormentes. Até me pareceram simpáticos os alevinos! Ou eram girinos?

Ah, quantas dúvidas! Mas, caro leitor, há de se perdoar os questionamentos de um menino de poucas horas neste mundo. Além do mais, passar por medo e desconforto no início da vida, só me fez valorizar mais ainda o conforto que veio a seguir. O leitor pensava que era uma história triste, não é? Pois que nada! Esta é

uma história de sucesso, afinal, sinto-me um campeão de sobrevivência.

O que leva uma mulher a lançar seu filho, o fruto de uma gestação de nove meses em um valão de águas sujas, em meio a lixo, insetos, ratos e sabe-se lá mais o quê? Ratos, ainda bem que não encontrei nenhum, ou nenhum me encontrou. Seria uma parada dura que, acho, não venceria, até por que eles vivem em bandos. Hoje, só de pensar nisto me dá calafrio na espinha.

Anos mais tarde, soube que era Rita o nome de minha mãe. Como outras tantas, não conseguiu ser a mãe no sentido pleno da palavra. Não guardo mágoas. Se ela assim o fez, teve seus motivos. Não querer o filho envolve muitos fatores, reais ou imaginários: depressão pós parto, abandono ou medo do abandono, insegurança, sei lá! Só sinto que, se ela fez o que fez, é por que alguém falhou ou lhe faltou naquele momento. Feliz eu sei que ela não ficou.

Mas enfim, não importa devanear sobre isto agora. Importa sim, é seguir com o relato do meu primeiro dia de vida, que começou com alguns percalços, mas teve uma sequência deliciosa.

2

Alverinda, meu anjo da guarda

Alverinda veio à minha procura. Soubera do episódio e apressou-se em resgatar-me. Ansiosa, ofegante, ouvi nitidamente sua respiração, sua voz agradável. Era religiosa e seu vocabulário em momentos de tensão não variava muito:

– Nossa Senhora! Meu São João! Valha-me Deus!

Seus passos firmes faziam círculos próximos a mim, mas seus olhos teimavam em não me ver. Tentei de fazer contato, me comunicando à moda dos bebês: berrei com todas as forças que meus pulmões e diafragma permitiram, o mais alto e agudo que minhas cordas vocais puderam entoar. Um buá retumbante. Senti-me um leão.

Bom... a bem da verdade, não foi assim que ela ouviu. Segundo ela, anos mais tarde, disse ter ouvido um grunhido tão fraquinho que quase não percebeu.

No entanto, não importa qual a versão verdadeira, importa saber que foi o suficiente para Alverinda me localizar e levar-me ao

seu colo. Ah! E que colo maravilhoso! Era velho e ossudo, pois Alverinda nessa época rondava aos setenta anos, era magra, tinha mãos calejadas, duras do trabalho na roça, mas não tem neste mundo unidade de medida, que comporte a bondade existente dentro do peito daquela mulher.

Levou-me para seu casebre de estuque, colocou-me sobre seu catre, enrolou-me em trapos, enquanto aquecia água do poço em um caldeirão de ferro. Ressoavam estalos da madeira em brasa no fogão de lenha, cujas labaredas de fogo lambiam o fundo do caldeirão apoiado sobre uma forte grade de ferro. A água límpida e aquecida foi lançada dentro de uma bacia de alumínio, que de tão velha já recebera um remendo com fundo de madeira.

Ao me pegar no colo e colocar carinhosamente meu corpo imerso na água morna, ao som de cantiga de ninar, Alverinda me proporcionou um prazer inigualável. Senti-me fraco e ao mesmo tempo forte. O corpo entumescido pelo frio agora relaxou-se todo, deleitando-se com o calor ideal da água. O sangue voltou a circular nas veias e o coração a bater com a frequência natural. Lavou-me, enrolou-me em sacos de café vazios, deu-me água com açúcar na mamadeira improvisada com vidro vazio de xarope. Pois bem, apaixonei-me perdidamente por Alverinda.

Nunca mais iria me separar desta mulher. Mais tarde descobri que Alverinda era minha avó, mas para mim era a minha mãe, era o meu tudo neste mundo.

3

Uai sô! Mas pra que tanto João?

Todos na casa dormiam e acordavam com as galinhas. Essa é a moda de dizer na roça, de que dormiam e acordavam cedo. Alverinda nessa época já era bisavó. Era casada com Aristides, homem alto, com músculos enrijecidos pelo trabalho pesado, coluna meio encurvada pela idade, rosto de expressão sorridente e com coração de manteiga.

O casal gerou quatro filhos homens e uma única filha, a Lezi. De homens tinham o Divino, o Nascimento, o Geraldo e o João. João era o mais velho, casado com Olímpia, eram pais de Maria, Divina e quatro filhos homens, todos com primeiro nome de João. Variavam no segundo nome, que eu não me lembro, e nos apelidos: João Coragem era o mais velho, seguido de Joãozinho, Zinho e Zizinho.

Não sei pra quê tanto João. Acho que a família toda era devota de São João. O João Coragem e Maria já eram casados e tinham filhos.

Morávamos todos no mesmo quintal, em casas separadas. Era uma multidão que se encontrava antes de ir para o trabalho e ao voltar dele. Todos muito amigos e divertidos. Muitas vezes acordei com as gargalhadas escandalosas dos Joões.

4

Vida boa da roça

Alverinda ficava em casa com as mulheres e as crianças. Aristides ia na madrugada pra derriça de café com seus filhos, mas já de bucho cheio.

Havia uma mesa de madeira enorme no quintal, com bancos fincados no chão, cobertura de sapê. Essa mesa era comum a todos os moradores. Nela eram feitas todas as refeições. No desjejum e no jantar, a mesa ficava cheia. Ali se comia e se contavam “causos”.

O desjejum era de dar água na boca: café torrado e moído no enorme pilão de madeira da casa, passado no coador de pano e adoçado com rapadura ralada, para acompanhar, mandioca e inhame cozidos na água e sal, recobertos com manteiga de garrafa. Eu, por minha vez, recebia mingau de leite de cabra engrossado com farinha de mandioca e adoçado com rapadura.

O almoço dos adultos era por volta das oito horas da manhã. Alverinda e as outras mulheres arrumavam “o de comê” em marmitas, enrolavam em sacos de café vazios para manterem a

comida aquecida e levavam até ao capão, um descampado em que os trabalhadores sentavam-se no chão, para comerem a “bóia”.

Os outros trabalhadores poderiam ser chamados de boas-frias, mas a família de Alverinda não! Ah! Isso não! Mulher disposta, “sacudida”, sua família era muito bem tratada. Só comia do bom e do melhor. Arroz de pequi, feijão com chispe, couve refogada, angu e carne de porco frita.

No quintal ela plantava feijão, milho, mandioca, abóbora, jiló, chuchu, quiabo, pimenta dedo de moça, verduras para alimento e remédio como ora-pro-nóbis, mastruçu, hortelã e arruda, entre outras. Lá no cerrado, as mulheres e as crianças catavam pequi e macaúba.

Criavam no chiqueiro, nos fundos da casa, porcos que lhes rendiam a carne, a linguiça, o chouriço e a gordura tão preciosa, na qual preservavam e curtiavam as carnes fritas, guardadas dentro das latas de óleo, que Alverinda pegava na venda do seu Nonô.

As linguiças que Alverinda fazia eram cobiçadas pela vizinhança, tal era a singularidade de seu tempero.

Generosa que era, não guardava segredo. Era só vir ajudar a preparar e pronto, já saía com a receita e alguns gomos de linguiça. Fervia as tripas do porco que eram lavadas criteriosamente, enchia com a carne moída e temperada, colocava os gomos da linguiça amarrada em um varal sobre o fogão de lenha, para pegar fumaça

durante alguns dias. Dias depois, defumadas ao ponto, eram recolhidas e imersas na lata com a gordura do porco.

Para preparar a gordura era outra tarefa. Fritava o toucinho do porco até derreter a gordura. Sobravam crocantes e deliciosos torresmos, que derretiam na boca. Ô saudade!

Foi em meio a essas pessoas maravilhosas, num cantinho de Minas Gerais, lá pelas bandas da Serra da Velhas em Carangola, que eu fui crescendo. Crescendo a passos curtos, diga-se de passagem. Eu consegui andar, lá pelos cinco anos de idade.

Franzino, não ganhava peso e nem altura. As pernas finas e fracas teimavam em ficar moles, impedindo até o engatinhar. Mas Alverinda não desistiu de mim. Todos os dias me fazia massagens vigorosas nas pernas com gordura de porco e me colocava em posição quadrúpede com a cabeça apoiada em um travesseiro alto. “Tita há de engatinhar, custe o que custar”, dizia ela.

Me dava comida quente, caldo de feijão com angu, canja de galinha, gemada com ovo de pata e leite de cabra. Me aquecendo tudo se resolveria. “É friagem nos ossos, pegou quando nasceu”, dizia.

Nunca me deixava só. Enquanto costurava os sacos de café, torrava e pilava os grãos, cozinhava o sabão, enfim, enquanto fazia as inúmeras tarefas domésticas, me colocava ao seu lado, num confortável caixote acolchoado com capim seco e sacos de café vazios.